

A Menina do Museu do Café

O cenário era o Museu do Café, localizado à Rua XV de Novembro nº 95, centro histórico da minha querida cidade de Santos, aqui no Estado de São Paulo.

Outrora esse espaço serviu como Bolsa Oficial de Café, em belíssimo prédio construído para essa finalidade, e hoje restaurado, se presta a eventos culturais e principalmente a fatos relacionados ao Café. Atrai turistas. Muitos.

Pois bem, estávamos lá. Eu e meu primo Arthur Vicente, que possui apartamento junto à praia. Era por volta do ano 2007, acho que no mês de Janeiro, um sábado qualquer, umas 3 horas da tarde, quando fazíamos descompromissado passeio pelo local. Já havíamos experimentado e comprado diferentes cafés e, então, para completar, ele fotografava as dependências do belo prédio, inaugurando seu sofisticado fone celular com câmera para imagens com ótima resolução. Ainda uma novidade para a época.

Enquanto isso eu estava na porta do prédio observando os arredores (perigosos!) temendo que pudéssemos estar sendo observados e seguidos por gente mal intencionada com o intuito de roubar o fone celular dele.

De repente, sem que eu percebesse, uma moça se aproximou por trás de mim.

Mulher com 25 anos, pouco mais, ou menos, em situação de rua, bonita e com dentes bonitos, aparentando estar alcoolizada ou drogada.

Detalhes marcantes: descalça, cabelos mal cuidados, um corpo magro, porém bem talhado, trajando apenas um vestido preto liso, de tecido bem fininho, muito acima do Joelho. Ela não usava sutiã, nem calcinha. Sei bem o que falo...

Pedi-me dinheiro. – Não é pra comprar droga; eu durmo aqui na rua e cato papelão...

Tenho quase certeza que mentia. Compraria uma pedra de crack ou então daria o dinheiro para o "amigo" com o qual vivia pelas ruas. E se não fizesse isso, apanharia dele.

Dei-lhe alguma coisa (pouco) e fiz um comentário:

- Você é muito bonita, procure ajuda para sair dessa situação. Isso não te dará futuro, você sabe.

Ela prestou atenção às minhas palavras, trocamos um breve, porém profundo olhar, pegou o dinheiro e agradeceu.

Nossos olhos estavam lacrimejantes.

Ela seguiu seu caminho. Não procurei saber para qual direção.

Adentrei ao prédio da Bolsa, encontrei meu alegre primo e saímos de lá. Ele não percebeu minha emoção; melhor assim, mas certamente aquele "encontro" estragou minha tarde.

Nunca esqueci.

Que ela tenha encontrado seu rumo! (se ainda estiver viva...)